



*P*ORQUE A BELA ADORMECEU
UM CONTO

∫

Jorge Augusto

www.jorgeaugusto.eu

BELA SEM SENÃO

Bateram à porta. Ela não acordou. Continuou a sonhar. Bateram. Continuaram a bater. Ela estremunhada levantou-se lentamente, esfregou os olhos e dirigiu-se à janela para ver quem era. Olhou de relance para o relógio do quarto, ainda não eram nove horas de um sábado que também despertava frio e claro. Nitidamente se aproximava a primavera.

Dava para ver pela janela as árvores que começavam a florescer de lilases e brancos. Alguns rosas também se destacavam das folhagens ainda pouco vestidas do habitual verde da estação que se aproximava.. Era um privilégio acordar e adormecer no meio da natureza, sem povoação à volta... nem estradas alcatroadas. Nem pessoas. O prado estendia-se até acabar num pequeno lago brilhante rodeado de flores silvestres e algumas coníferas de um dos lados. Um pequeno caminho serpenteava até lá. Da janela ela podia ver tudo isso. A casa, não muito grande, era de madeira e havia sido construída habilmente em cima de uma árvore cujos robustos braços suportavam sem qualquer esforço. Uma escada caracolava desde a porta da casa até ao chão dando a volta ao largo tronco. Assim a casa ganhava a vida da natureza e os humores das estações. Era fria quando nevava e tornava-se sisuda, mas o interior mantinha-se quente apesar da folhagem que vergava com o peso da neve. A Primavera vinha derretê-la levando-a com os raios que começavam a aproximar-se e em todos os pequenos braços nus começavam a despontar pequenos furúnculos que eram apenas o início do crescimento de uma nova

folhagem. Em pouco tempo floriam magníficas pequenas flores que cobriam o telhado e quase entravam pelas janelas. Qual papel de parede florido que cobria a paisagem lá fora e que enche de perfume a casa no interior, a natureza vai-se aguentando até o calor se tornar abrasador. No interior, porém, a temperatura é amena, quase fresca, e vive-se tranquilamente à parte das calorosas temperaturas que se sentem do lado de lá das paredes. No final do Verão já o sol queimou o que tinha a queimar nos últimos meses e os inúmeros braços começam a deixar cair as amareladas e acastanhadas folhas e a chuva de cores outonais espalha-se pela floresta à volta.

Continuavam a bater à porta.

Ela lá espreitou. Podia ser a Primavera a chegar mais cedo. Da janela apercebeu-se de uma figura de branco vestida. Os contornos eram, certamente, femininos e apesar de um lenço de material leve e transparente a cobrir a cabeça, era possível vislumbrar uma farta cabeleira de uns louros e ondulados caracóis. Decidiu ir abrir a porta, pois as batidas continuavam pacientemente. A porta nem estava trancada e bastou rodar o manípulo e puxá-la para abrir e encontrar um bom dia muito caloroso:

-Muito bom dia, meu anjo!

Anjo parecia a mulher que a salutava. Toda vestida de branco e contra a luz do sol que despontava já forte nas longas horas que o dia já era, parecia levitar angelicamente no ar.

-Bom dia – respondeu, ainda com voz de sono mas decidida a despertar rapidamente para perceber o que fazia ali aquela mulher que se apressou a acrescentar:

-Está uma linda manhã... não está?

-Hum, hum... – concordou enquanto acenava que sim com a cabeça e esboçando um sorriso de simpatia. Ela já estava habituada àqueles dias de sol. Bonitos, sem dúvida, mas ela já nem lhes dava grande importância. Há dádivas que quando tomadas por garantidas já não parecem ter a importância que têm.

-Desculpe, ainda não disse o meu nome. Sou a Rosa.

-Anabela.- apresentou-se.

-Muito prazer – acrescentou enquanto estendeu a mão para a cumprimentar. Apresentadas que estavam, continuou a dúvida:

-Posso ajudá-la?

-Oh, mais uma vez desculpe a minha intromissão... e aparecer assim. Esta manhã acordei muito bem disposta e com vontade de passear. Apeteceu-me vir para o campo andar. Só me têm feito bem os ares deste campo. Está verdadeiramente belo. Quando cheguei lá abaixo ao lago sentei-me à sua beira a contemplá-lo. Olhei à volta e suspirei de felicidade e de paz. O som da natureza quase me embalou a dormir deitada na relva, mas não queria dormir...

-Não quer entrar? – convidou a Anabela, interrompendo a mulher que, segundo se apercebeu, ia contar uma história que não lhe apetecia ouvir em pé, à entrada da casa. – Ainda não tomei o pequeno-almoço... nem sequer me vesti.

-Oh, não se incomode, meu anjo. Eu é que apareci assim, quase do nada.

-Não quer fazer-me companhia? – perguntou, convidativa, enquanto se dirigiam à pequena cozinha. Havia uma janela por onde irradiava também o sol. Toda a casa era iluminada naturalmente. A mulher aceitou.

-É muito amável.

-Por favor, sente-se. – e a Anabela começou a pôr a mesa para a refeição. – faz-me companhia?

-Eu não quero dar trabalho... não se incomode. – quase se lamentou.

-Não dá trabalho nenhum. Eu vou fazer para mim... faça a gentileza, por favor. – o convite era sincero. Não sabia bem porquê mas aquela mulher inspirava-lhe confiança. E não era todos os dias que tinha companhia. Fazia-lhe bem.

-Por favor, continue... – pediu a Anabela.

Depois de sentada e observando atenta e calmamente os lentos movimentos matinais da Anabela, prosseguiu.

-Lá estava eu a dormir acordada, a braços com a natureza. Tinha já andado bastante. Passei por prados lindíssimos com muitas flores e árvores de fruto.

O apito da chaleira calou-a e a Anabela aproveitou para perguntar:

-Quer açúcar no seu chá?

-Não, não, muito obrigada.

Enquanto serviu uns bolinhos num prato e colocou os guardanapos de pano na mesa, a mulher acrescentou à sua história.

-Aproveitei para apanhar alguns frutos. Não havia ninguém a ver e não me pareceu ser terreno particular. Acho que Deus fez estas maravilhas para todos nós.

Mostrou o saco que trazia. Lá dentro viam-se vários frutos. As cores distinguíam as variedades. Limões, maçãs, laranjas e pêras.

-Parecem apetitosos. – disse a Anabela.

-Podemos tomar um rico pequeno-almoço. – disse a mulher enquanto tirava algumas peças de fruta de dentro do saco e as arrumava num prato cuidadosamente no centro da mesa. No cimo, uma maçã reinava sobre as outras. – Bem, lá estava eu na minha contemplação ao lago, calmo, sereno, quando reparei ao longe numa grande árvore. Curiosa, levantei-me e segui o pequeno caminho até, por surpresa, reparar que havia uma casa no cimo. Achei muita piada... e tinha de a ver. Por isso subi e bati.

-Aqui está o chá – disse, enquanto serviu as duas canecas. Cada uma tinha já um bolinho na mão a que davam pequenas trincadelas. Molharam os respectivos bolos no chá e deliciaram-se. A Anabela também se deliciava com aquela visita.

Sabia-lhe bem a companhia naquele sábado de manhã. A mulher, serena, sorria. Também parecia deliciar-se. Serviu-se de uma laranja, que descascou.

-Coma uma pecinha de fruta. Faz-lhe muito bem. – convidou.

Realmente a Anabela não tinha o hábito de comer fruta de manhã. Os seus hábitos alimentares não a incluíam no pequeno almoço. Mas apetecia-lhe realmente, naquela manhã. Escolheu uma maçã – a do topo – que era muito vermelha e luzidia. Era tão brilhante... talvez por isso a escolheu entre os outros frutos.

-Isso, muito bem, meu anjo. – disse a mulher, enquanto desmembrava a laranja, gomo a gomo, e os ia comendo, saboreando-os vagarosamente.

A Anabela trincou a maçã.

-Hum... – exprimiu-se com um som breve a confirmar a doçura do fruto.

Mastigou, de olhos fechados e com um sorriso de prazer nos lábios. De repente, caiu com a cabeça para a frente, quase acertando na caneca já vazia de chá. Não abriu os olhos e a maçã caiu-lhe da mão. Teria adormecido? Estaria ainda com sono?

A mulher não se mexeu. Acabou de comer a laranja com a mesma calma e lentamente levantou-se a confirmar o adormecimento da Anabela. Levantou-a, então, a peso nos braços e arrastou-a até à cama onde a Anabela ficou a dormir... eternamente? A mulher saiu de casa, fechou atrás de si a porta sem fazer qualquer

força e desceu as escadas em caracol. Foi-se embora sem nada dizer, nem para si mesma, e caminhou prado fora, dali para fora, até desaparecer da vista.

Em casa, em silêncio se dormia. O bater das folhas nas janelas era a forma que o vento tinha de dizer que também ele passara por ali e tudo vira.

B.B.

A Anabela é a filha mais velha de uma família pobre do norte. Embora não seja muito numerosa, houve sempre amor que bastasse. Cresceu no meio das couves e das batatas e sempre utilizou os legumes para lhe facilitar as contas de matemática quando era o seu dever escolar. Os pais fizeram questão em investir na sua educação as poucas economias que tiravam da terra que tão arduamente cultivavam. Um estranho prazer que mostravam nos lábios enquanto empurravam a enchada para cá ou atiravam as sementes para lá.

Quando a irmã mais nova nasceu o amor dos pais não diminuiu. Curiosamente multiplicou-se como todos os legumes e frutos que plantavam. A Anabela tinha já seis anos quando a Alice Brigitte nasceu. A mãe sempre quisera pôr o nome de Brigitte a uma das filhas. A primeira não o foi porque a madrinha insistiu que insistiu que a afilhada não podia ter um nome espatafúrdio daqueles. Então estava criada, agora, a excelente oportunidade para utilizar o nome inspirado num poster de um calendário antigo que o marido tinha na garagem. Mostrava uma rapariga jovem, muito bonita, loura, com um fato-de-banho de época azul escuro com bolas brancas. E o nome fugia quase de um rosa claro para o alaranjado. “Brigite B.”, era o título de tamanha beleza, quase uma ídola da feminilidade da mãe e um desejo inalcançável do pai. Ficou a dúvida sobre o “B.” do nome. Nunca o descobriu. Nem lhe ligou importância. Bastou ser Brigitte.

“-Acrescenta-se uma “Alice” antes e fica com um nome todo pomposo.”

Até a Anabela gostou. Também para ela a Brigitte era a sua inspiradora irmã mais nova que protegia afincadamente em todas as situações. Nem nunca se importou de ficar com as lambadas da mãe quando a culpa lhe era, injustamente, inculpada.

Quando terminou o liceu a Anabela quis ir para a Grande Cidade. Qualquer coisa a fascinava, não sabia bem o quê, nem porquê. Talvez só o facto de ser grande. Na aldeia onde nasceu, cresceu e viu crescer muitos nabos, tomates, cenouras e outros tais, era tudo em pequena escala. Quer dizer, ela não tinha nenhum termo de comparação. Para ela o tamanho de toda a vida do campo era enorme. E afinal é-o, sabe-o hoje. Mas na altura, não. Queria saber porque é que aquela é que era a Grande. Valeu-lhe a comodidade de ter uma tia (da parte do pai) que morava por lá. Lá foi ela na sua primeira viagem à cidade onde, imaginara, caberia ela e muitos mais que viessem. Dava para todos.

Tinha apenas 18 anos mas lá combinou, sozinha, todos os pormenores que, por carta, foi encaixando na cabeça que também parecia não ter fundo. Iria de comboio até Santa Apolónia e dali num autocarro até aos barcos que a levariam à margem de lá do rio, onde os tios a aguardavam. Embora não estivessem mesmo no centro da Cidade, sempre era só um saltinho. Continuou a seguir as indicações. Meteu-se num dos barcos novos que parecia um avião. Só os tinha visto na televisão e o primeiro voo por água iria fazê-lo sozinha. À sua volta ninguém se mostrava nervoso, por isso manteve ela também a sua calma que guardou numa caixinha presa ao peito. A ponte, ao vivo e a cores a acenarem-lhe, ou ela à ponte,

mostrou-se estendida, muito vermelha, ao longo do rio que a saudava em murmúrios rápidos e salgados de ondas pequeninas e por detrás dele um céu muito azul que fazia sobressair ainda mais a vermelhidão da magnífica estrutura de ferro, quais lábios pintados a um baton que a saudava também, aos beijos. Guardou também essa memória na sua caixinha.

Em pouco tempo estaria rendida ao mundo de um trabalho bem diferente daquele que aguardou gerações antes dela. Apenas dois anos depois já estava a viver sozinha no centro da Cidade.

Certa vez os pais e a irmã vieram visitá-la. A Brigitte, já com 14 anos, uma mulherzinha que continuava com as feições inocentes e saudáveis de uma vida completamente diferente, estava maravilhada com aquele passeio. A ela pareceu-lhe que as coisas eram realmente muito grandes naquela cidade com os braços mergulhados no rio. Infelizmente a visita foi curta. Muito mais infeliz voltou a Brigitte à sua terra Natal e a Anabela já estava com saudades, mesmo antes de os deixar de ver a acenar da carruagem de um comboio moderno que os levaria numa viagem no tempo, para um tempo anterior ao que ela vivia agora.

A vida continuou para ela, normalmente.

Outros dois anos se passaram até que foi a vez dela ir visitar os pais e a irmã. Aproveitou-se da desculpa do Natal para matar umas saudades que iria sempre ter dos seus entes queridos, a quem tinha sempre de dizer adeus para seguir a vida que escolhera e que, estava certa, era a melhor que podia ter. Foi encontrar uma realidade muito diferente daquela que deixara anos antes naquelas paragens, que

afinal não haviam parado assim tanto quanto isso. Ou provavelmente sim. A Brigitte ficara, entretanto, grávida e juntou-se com um moço apenas dois ou três anos mais velho que ela. A Brigitte era agora mãe. Embora orgulhosa de um sobrinho bonito que teria um ou dois traços seus na gorduchina cara, achava que as coisas estavam trocadas. A Brigitte tinha apenas 16 anos e aquele Natal marcou a diferença de idades das duas irmãs.

Quando, depois das comemorações festivas da época se veio embora, todo o caminho a Anabela se sentiu impressionada e alterada. No seu interior a candura que antes caracterizava a irmã mais nova substituiu-se por uma valente carrada de anos que passaram em breves instantes por aquela menina que ela continuava a amar. Seria sempre a sua irmã querida e estava, ao mesmo tempo, orgulhosa de a ver no seu novo papel. No entanto estava convicta de que com aquela idade o papel que ela deveria estar a ter seria outro. Começou a trabalhar antes do tempo. É respeitável o trabalho que faz, seja que estudos tenha. Só que a evolução pessoal e profissional poderia ficar por ali... a menos que não se acomodasse a isso. O seu coração, com certeza a faria decidir o que era melhor. Mas havia uma mágoa nos olhos de Brigitte. Num dos dias em que o pequenito não se sentiu muito bem e teve de ir ao Centro de Saúde, viu nos olhos dela o desespero de impotência e sentiu a injustiça e dor que se refletiam claramente. Tudo isto fizera com que a irmã tivesse crescido à pressa. Nem sorria já como antigamente. Seria uma forma de ela dizer que queria também, como ela, ter uma vida em grande? Só que ela aumentou outros valores sem sair do sítio onde nasceu. A Anabela terminou a viagem de regresso a reflectir e concluir que ela não tinha uma vida em grande.

Tinha uma vida que lhe cabia perfeitamente e não desejava muito mais. Também não queria muito menos.

UM AMOR QUE NÃO SE AFOGA

O despertador tocou irritantemente. “Que vontade de o partir”, pensava todos os dias o Filipe quando era acordado daquela forma. Virava-se sempre para o outro lado e mais dez minutos dormitava. Exactamente dez minutos depois lá estava o som irritante a tentar evitar mais um atraso. Afinal nem era muito cedo. Provavelmente bastaria não se deitar tão tarde na noite anterior. Ou não. Já tinha feito o teste e... não valia a pena. A manhã seria sempre penosa. Antes de se levantar, voltou-se para o Victor, viu-o com os olhos fechados mas disse-lhe:

-Bom dia. – e deu-lhe um beijo.

O Victor sempre podia ficar um pouco mais na cama. Só tinha de abrir as portas da galeria às 11 horas. E era muito mais perto do que o banco onde religiosamente o Filipe tinha de picar o ponto antes das nove.

Barba feita a correr mas com a perfeição e precisão de quem executa habil e diariamente aqueles gestos. Podia até continuar a fazê-lo com os olhos fechados, mas receava adormecer. Gravata, fato, sapatos, quase esqueceu as meias e de novo um beijo no Victor antes de voar porta fora para um transporte que não aguenta uma espera, embora muitas vezes tivesse de aguentar longas esperas por ele. O pequeno-almoço era tomado todos os dias, quase à mesma hora, segundo menos segundo, na pastelaria da esquina ao pé do banco. Em pé, tinha de ser.

Em casa, o Victor gozava os últimos momentos na cama antes de, vagorosamente, fazer as suas torradas, aquecer o seu café, lavar-se e vestir-se

entretanto, não tendo a necessidade das formalidades a que a sua cara metade era sujeita. A barba só de vez em quando a aparava, apenas porque não gostava de ver... nem ele nem o Filipe.

As rotinas, no entanto, eram parecidas e os finais do dia quase coincidentes. Pouco tempo depois, à vez, lá iam preparando a refeição onde poriam o dia-a-dia em dia. E ainda tinham os fins-de-semana que sempre aproveitavam da melhor forma. Pode dizer-se que viviam a vida ao máximo e viajavam sempre que podiam.

Aquela relação tinha sido construída com muita confiança nas suas bases, de ambas as partes, como é justo. Não foi amor à primeira vista, por mais que se tente florear. Eram amigos há alguns anos, mas nem por isso amigos do peito, daqueles de confidências e tudo. Tinham outros amigos em comum com quem gostavam de passar alguns momentos agradáveis e muitos fins-de-semana. Num desses fins-de-semana, quase mágico, notaram ambos que algo se passava afinal. Numa festa dada por uma amiga de um dos amigos de ambos à beira da piscina do hotel, propriedade do pai da referida amiga, se conversava e dançava com os ritmos quentes de uma música que fazia conjunto com o calor daquela noite de verão. Não era sonho. Era a sorte de ter amigos que podem proporcionar dias e noites daquelas.

Por momentos ficaram sós, cada um com a sua refrescante bebida. Ambos repararam que era a primeira vez que ficavam sozinhos a conversar. Os outros davam, agora, voltas e voltas de um lado para o outro. O Victor falou de obras de arte e o Filipe só queria esquecer os números por um momento que fosse. Ao

longo da conversa até esqueceu, mas não entendia o abstracto que as artes significavam e ficou maravilhado com as descrições que o Victor fazia. Com uma pontinha de inveja, no fundo, por lhe faltar a sensibilidade que este emanava. Nada mais, apenas maravilhado e com uma pontinha de inveja. A meio da noite já os outros se tinham juntado a eles e a farra continuou. Apenas se tinham conhecido um pouco melhor... e nada mais. Não tinha havido magia. Essa surgiu umas horas mais tarde quando o Carlos, o namorado de uma das amigas do Filipe, já um pouco bebido começa a dançar sozinho uma lambada num ritmo que não tinha nada a ver. Todos se divertiam, mas ele parecia fazer a festa sozinho, quase à parte. A certa altura, tal foi o passo de dança, dá um encontrão ao Filipe que não se consegue equilibrar, faz também ele uma coreografia com as ancas – que nem ele sabia que conseguia fazer - e cai desamparado e desastrosamente na piscina, tentando no último momento salvar o copo de champanhe. Não sabia nadar. Todos o constataram quando, no meio da surpresa uns, incrédulos e divertidos outros, o viram esbracejar para todos os lados, esquecido era já o copo de champanhe que, esse sim, tinha já ido ao fundo. O reflexo quase imediato de um dos convidados para se atirar para o salvar, foi quase imediato. O Victor saltou corajosamente, qual nadador salvador de umas marés que, naquele caso, não eram tão vivas quanto isso. Atirou-se e agarrou o Filipe como deve de ser para o salvar. Foi o primeiro contacto de ambos. E não foi preciso mais para se aperceberem que algo estava errado... ou demasiado certo. O Filipe sentiu-se salvo agarrado ao peito do Victor e nessa noite, embora agradecido um e satisfeito o outro por ter salvo alguém, não trocaram mais palavras e evitaram os olhares.

Os amigos de ambos aceitaram muito naturalmente aquela relação e sempre os apoiaram, mesmo quando estes decidiram juntar os trapinhos, alguns deles bem caros, diga-se de passagem, poucos meses depois de algumas conversas que afinal viriam a combinar. Alguns amigos, os que se opuseram, deixaram de ser amigos, mas esses não mais fizeram falta. Também a família, curiosamente, aceitou “demasiado” bem aquela mais que amizade. Nunca nenhum deles pensou. Sempre as haviam tomado como antiquadas e conservadoras até ao momento em que corajosamente decidiram contar-lhes. Havia sempre o convite para algum jantar ou almoço na casa dos pais de um deles e chegou a haver disputas, sempre resolvidas justamente por consenso de todos. Estava criada mais uma família que fugia ligeiramente aos padrões do que já fora a tradicional família. Mais que uma relação moderna, era uma relação de um amor que, afinal, nunca teve género.

Nunca o Victor pensou que, quando se atirava para salvar o Filipe, se atirava de cabeça para uma relação que era mais que uma aventura. Nem o Filipe pensou que se iria agarrar com unhas e dentes ao seu salvador.

MENINA OU SENHORA

« CAVALHEIRO, caranguejo, casado, mas muito carente no aspecto afectivo e íntimo, elegante, charmoso e saudável. Gostaria de conhecer menina ou senhora dos 20 aos 40 anos, também ela elegante fisicamente, bem proporcionada, de qualquer estado civil. »

Porque é que ela tinha ido parar com os olhos naquele anúncio, nem a própria Anabela sabia. Tinha tomado o seu cafezinho, sentada na mesa do restaurante onde habitualmente almoçava e, como sempre, puxou do jornal que ali estava ao pé, que era para quem quisesse ler. Sorriu abanando a cabeça sem acreditar em algumas notícias que não podiam ser consideradas como tal. Até o discurso era amador em alguns casos. Mas os olhos pararam, de facto, naquele anúncio. Pararam mas por muitos breves momentos. Acabou de desfolhar o dito jornal e tentou esquecer, não sem antes tentar perceber o que leva uma pessoa a chegar a este tipo de acto.

Regressada à rotina, longe ia já o episódio, deu por si absorta em trabalho até à hora de saída. Gostava daqueles dias em que as horas passavam sem avisar de que ali estavam e nem o próprio chefe, com um capachinho ridículo mas sem o qual ela já nem o conseguia imaginar, a incomodou. Não conseguiu chegar a casa antes de anoitecer porque os dias estavam demasiado curtos. Levou algumas coisas da mercearia que faziam falta e só desejou estender-se no sofá a descansar antes de preparar o jantar. Nem quis ligar a televisão. Passou pelas brasas por breves

instantes e de novo lhe veio à ideia o anúncio do jornal. Como um fantasma que a perseguia, a ela, ela que tinha pensado para consigo que não se envolveria com alguém que ela achasse não fosse o príncipe perfeito. E não queria realmente. Apressou-se a levantar para começar a preparar o jantar e tentar desanuviar os pensamentos. Ligou a televisão: sempre ajuda a não pensar na própria vida e a lamentar mais a vida dos outros.

Alguns dias passaram sem que tivesse acontecido nada de especial na vida normal que ela levava. Porém, o fim-de-semana trouxe-lhe demasiado tempo livre a que ela não sabia o que fazer. Já tinha visitado todos os museus e os jardins não apeteciam, com o frio que estava. Decidiu ir comprar o jornal mas, chegada ao quiosque, não sabia qual. Se calhar levaria antes uma revista. Sempre tem mais bonecos e não se pensa tanto. Não conseguiu tirar os olhos do jornal onde há dias aparecera o dito cujo. Mesmo assim, comprou-o, não sabia porquê, nem o que iria encontrar.

Os casos jornalísticos eram quase os mesmos. Como as novelas da televisão, mudavam apenas os personagens, as histórias, algumas, vinham espicaçar ainda mais a incredibilidade com que as pessoas se deparam cada vez que se atrevem a comprar uma publicação com aquele tipo de conteúdo. Mesmo essas pessoas não conseguem evitar. É mais forte do que elas tentar saber das desgraças.

A Anabela não imaginava, nem queria imaginar, que podia vir a ser a protagonista de uma dessas desgraças e desfolhou o jornal até à secção dos anúncios. Muitos eram parecidos com o tal fantasma. A assombração apareceu

linhas abaixo, tal e qual como no tal dia: « CAVALHEIRO, caranguejo, casado, mas muito carente no aspecto afectivo e íntimo, elegante, charmoso e saudável. Gostaria de conhecer menina ou senhora dos 20 aos 40 anos, também ela elegante fisicamente, bem proporcionada, de qualquer estado civil. » não sabia porquê, mas a parte do caranguejo fazia-a rir. Ela não acreditava nada em signos. Só se lembrava do dela quando lhe perguntavam.

Ligou à Linda, a sua melhor amiga que fora sua colega no primeiro trabalho que arranjou quando chegou à cidade. Era apenas um ano mais nova do que ela e namorava um rapaz que não interessava a ninguém mas que lhe dava tudo aquilo de que ela precisava, principalmente boas horas de prazer. A Linda atendeu com um “Tou” de soprano, típico.

-Olá, sou eu. Espero não te ter acordado. – disse, quase a cantar.

-Não, claro que não. Tava a aspirar isto aqui. Então, como é, sempre vens almoçar comigo? – perguntou, com voz de quem tinha estado mesmo a trabalhar, quase com os bofes de fora.

-Olha, estava a pensar... e se viesses tu aqui a casa? Escusas de estar a desarrumar a cozinha, deves ter ainda coisas para fazer e a mim não me custa nada. Até me dá jeito desarrumar algumas coisas para ter o que fazer... que dizes? – a desculpa surgira rápida na cabeça taralhoca da Anabela, que se esquecera completamente do almoço.

-Fixe. OK, tá combinado. Por acaso dá-me um jeitão não ter de pensar em cozinhar. Por volta do meio dia e meia tou aí.

-Vá, então fico à tua espera... ah, e tenho uma coisinha para te contar... – acrescentou.

-O quê? – não esperou o tempo suficiente para a Anabela responder, apressou-se logo – Vá, diz lá, diz.

-Não digo. Depois... não é nada de especial, não faças filmes. Até já! – despediu-se

-Oh, pá, só tu para espicaçar e depois... bom, até já. Beijo.

Desligaram e antes de ambas terem dado por isso, estavam a almoçar o delicioso almoço que a Anabela preparou baseada numa receita da mãe e que ela tinha aprendido na aldeia. A Linda só conseguiu falar quando acabou. Ela sabia que a Anabela cozinhava como um *gourmet*... e era por isso que nunca negava um convite para ir provar os seus petiscos. No entanto, não se esqueceu e quando terminou a sobremesa com a língua a lambar os lábios, apressou-se a perguntar:

-Vá, diz lá...

-O quê?... Ah, não é nada. É uma coisa estúpida... nem sei...

-Vá, deixa-te de coisas. É dessas parvoíces que a vida é feita. Se não as dissermos ou fizermos, que é que vamos fazer?

A Anabela contou-lhe a história do anúncio, de como não a conseguia tirar da cabeça e perguntou, quase a afirmar:

-Não achas que é um pouco descabido eu sequer colocar a hipótese?

-Uau! – era só o que a Linda dizia. Não queria acreditar que a amiga, tão segura de si mas sempre tão restrita em relação aos homens, lhe pedia a sua opinião sobre aquele assunto em particular. A ela, que tinha feito a escolha que fizera, aliás, que fazia sempre as escolhas que fazia, sem se importar com o que a cabeça lhe dizia. Também pouco acreditava nas palavras do coração pois a quem ela realmente dava ouvidos era ao seu baixo ventre, de um corpo não muito magro, alto e com tanta energia que podiam ligá-la a uma central que ela faria com certeza electricidade.

-Pois, é descabido, não é? Mas, eu também nunca quis nada sério... se calhar seria bom para desanuviar das carências que tenho tido... sempre são duas almas que parecem caminhar no mesmo sentido... mas é casado... por amor de Deus... – a Anabela criava um diálogo em voz alta com ela própria e que se tornou alheio à amiga ali tão perto que inesperadamente lhe disse:

-Vá, força. – incentivou – Olha, não percebo nada dessas poesias de que tás praí a falar, de almas e sentidos e não sei quê. Mas se o homem realmente não se sente bem e tu o que sentes realmente é a falta de um homem... o compromisso, no fundo, até dá jeito... não o tens à perna... Agora... – abrandou o discurso e baixou de tom - ... será que não é um daqueles velhos tarados e nojentos...

-Não sei. – respondeu quase a medo. Também já tinha pensado nisso.

-Não sabes mas vais saber.

A Linda convencera-a a ligar para o número de telefone que o anúncio referia, mas atendeu a operadora das mensagens. Ela, encabulada, desligou. Ensaíram as duas uma mensagem para gravar no atendedor: “Olá... estou a ligar por causa do anúncio do jornal... se puder ligue-me... ah, sou a Anabela.”

-Não te esqueças de deixar o teu número. – advertiu a Linda com medo que a Anabela se esquecesse daquele pequeno mas enorme pormenor.

Pronto, decidiram que bastava isso e tornou a marcar o número e aguardou pela mensagem. Em vez da senhora do correio de voz, atendeu uma voz masculina do outro lado da linha.

-Tá... tá lá? – perguntou.

A Anabela demorou a responder pois não estava preparada. A medo, quase, respondeu:

-Tou... sim – hesitante.

-Diga. – pediu a voz, que aguardava.

-Tou a ligar por causa do anúncio do jornal...

-Ah, pois não, Sr. Azevedo... não lhe estava a reconhecer a voz. Diga diga.

-Não, o meu nome é...– tentou corrigir.

-Sim, sim, não faz mal. Olhe, não o estou a ouvir muito bem, deixe-me só ir buscar uma caneta e um papel para apontar...

A Anabela não entendia aquela conversa. Estariam as linhas trocadas? De novo a voz do outro lado continuou:

-Vá, diga lá o número que eu depois, com mais vagar, ligo. - A Anabela começava a entender que o homem não devia estar sozinho e estava a fazer o papel para não se desmanchar em frente à mulher, provavelmente. Então, calmamente, disse o número de telefone e repetiu-o. – Então eu mais logo lhe ligo.

-Até logo. – e desligou. A Linda apressou-se a fazer perguntas. Queria saber tudo, tin tin por tin tin. A Anabela não tinha muito mais para acrescentar senão aquilo que ela entendera. Ah, e que a voz era de um homem muito masculinamente atraente.

Mais tarde, já a Linda se tinha ido embora depois de um lanche em que conversaram e puseram todas e quaisquer hipótese que se podiam passar, enquanto aguardavam, ao mesmo tempo, o telefonema, o telefone tocou.

-Estou!? – atendeu, arrastando a curta palavra o mais possível para demorar mais tempo a ter resposta, embora o que ela pretendesse na verdade fosse acabar com aquela angustiante espera.

-Estou? Ligou-me há algumas horas atrás e deixou-me o seu número... mas não me disse o seu nome!

-Azevedo. – troçou com uma naturalidade que a surpreendeu.

-Como?

-Não foi o que me chamou há pouco?

-Ah, entendi. Tem sentido de humor.... excelente. Permita desculpar-me daquela situação de há pouco oferecendo-lhe um cafezinho.

-Bem... antes de mais gostaria de saber com quem estou a falar.

-Mais um pretexto para lhe pedir duplamente desculpas: sou o Armando.

Foi preciso ainda um bom bocado para que o homem com um discurso bastante elegante e até interessante do outro lado da linha a convencesse a tomar o tal cafezinho. A Anabela estava a fazer-se difícil. No fundo queria a côrte toda feita. Estava há já vários minutos decidida e encontrar-se com o tal homem. Afinal, ela fizera o primeiro telefonema.

-O meu nome é Anabela. – desvendou, finalmente.

Combinaram para o dia seguinte um café ao final da tarde numa pequena pastelaria num sítio bastante reservado. A Anabela não conseguia gerir muito bem as emoções que estava sentir naquele momento. O misto de nervoso, excitação e aventura apertavam-lhe o peito. Não sabia se era o coração a fugir ou a tentar esconder-se.

No domingo acordou mais calma, embora não tivesse sido com facilidade que adormecera na noite anterior. Fizera-lhe bem a noite que acabou por ser bem

dormida. Teimou que não iria ligar à Linda. Ficaria mais excitada que ela e provavelmente iria pô-la, também a ela, ainda mais nervosa.

Agitada, de um lado para o outro, parecia uma adolescente num primeiro encontro a sério. Refrescou as ideias com um pensamento frio, calculado, de que eram adultos, provavelmente a fazerem uma grande asneira e que não havia motivo algum para orgulhos apaixonados. Nem sequer havia ainda paixão. Trocaram palavras ao telefone. Apenas isso. Nada mais que isso. Acalmou-se. Afinal conseguia controlar-se muito bem. Decidiu que ia levar as coisas na desportiva. No entanto, pelo sim, pelo não, ao invés de levar uma roupa mais desportiva, ia levar uma toilette com que se sentisse bem e, principalmente, que lhe ficasse bem. Era jovem, e tinha de aproveitar a mocidade que lhe restava em seu proveito.

Saiu de casa duas horas antes para desanuviar e andar.

Quando chegou à rua da pastelaria, abrandou o passo mas mesmo assim chegaria antes da hora. Sabia que ia ter de esperar alguns minutos, mas isso não a incomodou muito. Sentou-se calmamente numa das mesas vagas numa das horas mais movimentadas do dia. Domingo à tarde, todas as famílias tomavam o seu cafezinho, como manda a tradição. Ela pediu o seu. Antes de lho virem trazer, um homem, bem apresentado e bem tratado, que embora já não sendo jovem, mostrava uma frescura nos movimentos, atreveu-se a perguntar:

- É a Anabela?

AINDA NÃO ACABOU!

Queres ler este conto na íntegra?

Envia um e-mail para info@jorgeaugusto.eu e recebe a palavra-chave que te dá acesso à versão integral.